



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Programa de Modernização e Expansão da Frota e de Embarcações de Apoio da Petrobras**

**Niterói – RJ, 26 de maio de 2008**

Prometo não falar do Corinthians, nem do Vasco e nem do Flamengo. Hoje, eu quero falar de nós mesmos.

Primeiro, quero cumprimentar o querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Cumprimentar o querido companheiro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

Cumprimentar o companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social,

Nosso querido Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os companheiros senadores, Paulo Duque e Eduardo Suplicy,

Deputados federais, Alexandre Santos, Chico D'Angelo, Edmilson Valentim, Edson Ezequiel,

Nosso companheiro Godofredo Pinto, prefeito de Niterói, na pessoa de quem quero cumprimentar os demais prefeitos da região,

Nosso companheiro Márcio Zimmermann, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia,

Nosso querido Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Nosso querido companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Nosso companheiro Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Naval,

Nosso companheiro Hélio Seidel, coordenador da Federação Única dos Petroleiros da FUP,



Nosso companheiro Reginaldo Costa e Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói,

Minha querida companheira Tainá dos Santos, soldadora do Estaleiro Mauá,

Meu caro companheiro Raildo Viana, oficial de náutica da Transpetro,

Meus caros empresários, empresárias da Indústria Naval de Offshore,

Minhas queridas e queridos companheiros da Petrobras e Transpetro,

Meus amigos e minhas amigas,

Vamos, aqui, dizer que no próximo anúncio que nós fizemos aqui da Indústria Naval, o meu cerimonial vai colocar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores ao lado do presidente do Sindicato da Indústria Naval e, entre uma conversa e outra, eles sairão daqui acordados sem que tenha muita divergência. Colocaram um numa ponta, outro na outra, como se fossem adversários quando, na verdade, um depende do outro.

Mas, meus amigos, tudo que eu tinha escrito aqui já foi dito pelos companheiros que me antecederam, inclusive alguns números que eu ia citar aqui o Sérgio Machado já tratou de citar. Agora, o que me dá orgulho, e muito orgulho, é saber que nós fomos capazes de construir o momento que nós estamos vivendo.

Eu me lembro quando tomei posse, em 2003, sempre as pessoas me cobravam, quem é que ia ser o Ministro da Fazenda, quem é que ia ser o Ministro do Planejamento... Porque quando os outros ganhavam, ninguém queria saber nada. Mas quando dependia de mim, então todo mundo queria saber, que era para poder demonstrar confiança ao mercado. Eu lembro que eu disse que nós iríamos começar fazendo o necessário, depois nós íamos fazer o possível e quando menos se esperasse de nós, nós estaríamos fazendo o impossível. E isso está acontecendo aqui, neste momento. Quando nós tomamos posse, a indústria naval brasileira que já tinha tido 36 mil



trabalhadores, na década de 70, estava reduzida a pouco mais de 1.900 trabalhadores. Apenas cinco anos e meio depois, essa indústria naval já está com 40 mil trabalhadores, isso porque mandaram sete diretores do sindicato embora, era para estar com 40.700. E porque nós ainda não contratamos os 600 que foram formados e que estão ávidos para trabalhar, na medida em que as encomendas comecem a aparecer? Obviamente, que todos nós sabemos que para contratar mais trabalhadores é preciso que tenha mais contratos de navios e que esses contratos sejam de médio e de longo prazo para que as empresas também possam pensar o seu futuro, contratando as pessoas dentro da certeza de que as encomendas vão acontecer. O que nós não podemos aceitar e permitir é que erros do governo, erros do Sérgio Cabral, erros do Sérgio Gabrielli, erros do Sinaval ou erro de qualquer um de nós... a gente possa anunciar um grande Programa de contratação de navios, vocês fazem os estaleiros, contratam os funcionários, depois não têm os navios. Aí a vaca vai para o brejo. Então, é preciso que isso funcione como se fosse uma orquestra bem articulada, bem afinada, em que a gente saiba, no longo prazo, quantos navios nós queremos, quantas sondas nós queremos, quantas plataformas nós vamos ter, porque aí a gente vai poder dizer quantos estaleiros e quantos diques secos nós vamos precisar no Brasil. E aí, também, nós vamos saber quantos trabalhadores nós vamos precisar contratar para concluir esse projeto todo que nós estamos desenhando neste momento e neste ato que estamos fazendo aqui. Eu estou convencido de que é um momento sem volta, é um momento em que não haverá retrocesso.

É preciso lembrar a todos vocês que a primeira tentativa do Estado brasileiro de oferecer recursos para ampliação e o fortalecimento da indústria naval ocorreu há 50 anos, no Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek, quando foi criado o Fundo da Marinha Mercante no nosso País. E todo mundo sabe que o Juscelino tinha uma visão de futuro, pensava como estadista e, por isso, pensava que a indústria naval não era uma coisa



secundária para o País. Noventa e cinco por cento de tudo que nós compramos e que nós vendemos vai de navio. Não vai nem de carro, nem de caminhão, nem de trem, nem de avião, vai exatamente de navio.

E a coisa mais absurda que aconteceu neste País é que, um dia, alguns iluminados resolveram dizer ao País que nós não precisaríamos de Marinha Mercante, que nós não precisaríamos de indústria naval, que ficaria muito mais barato comprar as coisas lá fora.

Vejam só, se a gente deixasse a nossa querida Petrobras trabalhar apenas pela cabeça empresarial, que é justo que tenham os companheiros da direção da Petrobras, se eles apenas pensassem em perdas e danos no curto prazo, obviamente que ficaria mais fácil para a Petrobras comprar lá fora. Por que eu vou encomendar um navio aqui que não tem estaleiro? Vai demorar! É mais fácil ir à Coréia, ir a Cingapura, ir à Noruega, ir não sei aonde e comprar o navio pronto. Não tem nenhum problema, quem sabe até saísse um pouco mais baratinho do que o que a gente constrói aqui. Isso é verdade. Agora, o que nós estamos construindo, junto com os nossos companheiros da Petrobras? É que a visão não pode ser apenas a de curto prazo. É preciso ter consciência de que uma empresa como a Petrobras não pode existir apenas para ser a 6ª maior empresa do mundo, a 3ª das Américas. Não! Ela existe também para ser a alavancadora do desenvolvimento deste País, a geradora de oportunidades para outros setores da sociedade.

Eu já vi, José Sérgio, em debates, economistas dizerem o seguinte: “Ah, o Presidente está dizendo que a Petrobras tem que fazer aqui, mas fica mais barato comprar lá fora”. Agora, sabe, a imbecilidade chega a tal ponto que as pessoas não se lembram de que, ao investir aqui, a gente vai contratar um trabalhador, que vai estar com um macacão, como vocês estão, que vai ganhar um salário, que vai virar consumidor, vai cuidar da família, portanto, vai gerar um emprego no comércio, que vai comprar mais da fábrica, que vai contratar mais um trabalhador, mais um consumidor. E assim a gente vai construindo



uma nação de homens produtivos, de homens trabalhadores. E é esse o papel que o Estado brasileiro tem que jogar, porque se não for o orgulho de vocês estarem com o macacão, cuidando do filho de vocês, o crime organizado está aí, à espera dos deserdados deste País para crescer e para mandar na sociedade brasileira. Porque nós precisamos pensar no País como um todo, no resultado de cada gesto, no resultado de cada aplicação, no resultado de cada empreendimento.

E é com muito orgulho que eu me sinto um dos responsáveis pela recuperação da indústria naval no nosso País. Sinto-me orgulhoso. Porque vesti o meu primeiro macacão na vida em janeiro de 1965, portanto, já faz muito tempo que eu vesti um macacão. E eu sei o orgulho, eu sei o que significa para um chefe de família, eu sei o que significa para uma mãe ter o seu filho de 18 anos perambulando pelas ruas quando no fundo, no fundo, ela gostaria que ele estivesse ou numa escola estudando, ou no mercado de trabalho, trabalhando.

Este País, que tem tudo para ser o mais extraordinário país do mundo, ficou três décadas sem oferecer oportunidade à sua indústria e ao seu povo. Foram três décadas de estagnação. E, sobretudo, nas duas últimas décadas, se vendeu a idéia de que nós não precisaríamos produzir nada, era mais fácil a política do “prato feito”, comprar tudo pronto. E o nosso País, por conta disso, gerou, na periferia dos grandes centros urbanos, um exército de milhões de adolescentes de 15 a 29 anos que passaram boa parte da sua vida sem ter oportunidade.

Quando eu vejo uma menina dessas de macacão, sendo soldadora, lembro que há 30 anos soldador era uma profissão de homem, mulher não trabalhava de soldadora, porque era uma profissão insalubre. E quando a gente vê uma companheira com o orgulho com que ela me abraçou ali dentro, na hora em que estávamos esperando, eu fico imaginando quantas meninas e quantos meninos a gente pode transformar em pessoas orgulhosas de serem



brasileiras e brasileiros.

Este ato de hoje, meu caro Sérgio Cabral, é mais um passo na consolidação da nossa indústria naval. E nós queremos mais estaleiros, mais estaleiros no Rio de Janeiro, mais estaleiros em Pernambuco, mais estaleiros na Bahia, porque se a gente não fizer mais estaleiros, quando a Petrobras precisar de mais navios, não tendo estaleiros, a gente vai ter que comprar lá fora.

Eu não quero que a Petrobras, porque descobriu o pré-sal, vire apenas uma grande exportadora de petróleo. Não. Vamos exportar. Não quero que o presidente da República do Brasil coloque aqueles panos na cabeça, como se fosse um sheik do petróleo. Não. Eu quero que a gente aproveite o petróleo para industrializar este País, para consolidar um modelo de desenvolvimento baseado numa indústria nacional forte, com muito investimento em tecnologia, muito investimento em mão-de-obra qualificada. Porque aí, não vamos ser mais nós que vamos contratar navios lá fora, serão eles que virão contratar aqui. Nós temos toda a América do Sul, nós temos toda a África. Cada país africano, agora, está descobrindo petróleo, vão fazer os seus investimentos. Na América do Sul, quase todos os países. E o Brasil não vai jogar fora essa oportunidade.

Eu quero dizer aos empresários brasileiros e às nossas empresárias: confiem, porque a indústria naval brasileira veio para ficar, ela veio para ganhar e para se transformar, outra vez, na grande indústria naval do mundo. Quero dizer aos companheiros empresários e aos companheiros trabalhadores: nós temos que aproveitar este momento para estabelecer a concórdia e a harmonia entre nós. Eu acho justo que os trabalhadores se manifestem, reivindicuem. Acho justo que, no primeiro momento, os empresários digam que não vão dar, mas depois sentem à mesa de negociação. E acho justo que a gente possa consolidar não apenas o crescimento da indústria naval, mas a gente possa consolidar uma indústria naval com trabalhadores altamente qualificados, com



trabalhadores bem remunerados, porque isso vai fazer com que a nossa indústria não apenas seja grande, mas que possa ser melhor do que outras indústrias navais espalhadas pelo mundo afora.

Eu quero dizer aos companheiros trabalhadores, saio daqui agora, vou para Diadema para inaugurar um hospital. A imagem que vai ficar aqui ou que a imprensa vai escrever amanhã, a imagem que vai ficar aqui, na minha cabeça, não é a discussão que o nosso presidente do Sindicato, justamente, cobrou aqui. A imagem que eu vou levar daqui é ver brasileiros e brasileiras, chefes de famílias, trabalhadores, sentados e em pé, dizendo: agora, sim, vale a pena eu ter mais orgulho de ser brasileiro e brasileira.

Um abraço e parabéns a todos.

(\$211A)